



PAREDES, Luciana; MUGNAINI, Mayra; MORAES, Thais Palmeira (Coord) (2024) *Obrigado, Justino Magalhães - Memórias e Afetos*. Lisboa: Publicação Independente; 148pp.

Livro constituído por um conjunto de textos de autores que se cruzaram com Justino Magalhães no percurso de vida académico, científico ou simplesmente amigos e familiares que entenderam deixar também aqui expresso um registo mais afetivo.

Como lembram os coordenadores, justificando a sua concretização, “em 2023, depois de mais de 50 anos dedicados ao ensino e à História da Educação, o Professor Doutor Justino Magalhães

jubilou-se. Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa desde janeiro de 2010 e Vice-Presidente do Conselho Científico desde 2018, Justino Magalhães é uma figura assinalada no meio académico. Os vários cargos que ocupou, as investigações a que se dedicou e a qualidade científica do seu trabalho granjearam-lhe notório reconhecimento nacional e internacional na área da História da Educação. Para além de uma carreira de intenso trabalho, estudo e generosa dedicação aos seus alunos, o Professor Justino Magalhães conquistou o respeito e estima generalizados. De temperamento amável, como professor, teve a rara capacidade de ser barro e ter mãos de oleiro — foi capaz de instruir e guiar os seus alunos, mas também de aprender com eles, tendo sempre uma escuta ativa. Este pequeno grande livro pretende ser uma sentida homenagem. Reunindo mais de quarenta autores e autoras, com quem Justino cruzou o seu caminho, podemos ler as memórias e os testemunhos como uma celebração do seu legado académico e humano” (p.8).

Desde Espanha, Agustín Escolano Benito privilegiou a “convivencia compartida en el tiempo, un tiempo que nos constituye como personas amigas que nos hemos dedicado a estudiar y a practicar la educación y que hemos coincidido en muchas orientaciones del campo disciplinario a que nos hemos venido dedicando, la historia de la educación. Sus ejemplares estudios acerca de la historia de la alfabetización, de la lectura, de la escuela y de la manualística escolar, entre otros,

han sido para mí trabajos de referencia con los que he dialogado a menudo en mis publicaciones.” (p. 16).

Ana Teresa Araújo, orientanda de doutorado, destaca o profissional, mas também o que mais ressaltou do convívio científico: “pude testemunhar que é um intelectual com um vasto conhecimento em várias áreas, sendo capaz de abraçar qualquer proposta ou desafio científico porque sabe que a ciência faz-se quando saímos da mesmice; pude ainda observar e aprender com a sua postura singela, mas comprometida com a aprendizagem e com a transmissão de conhecimentos, porque esta é a função do educador; mostrou-me, através das suas dezenas de publicações e estudos realizados, como fazer investigação e ciência de forma séria e com um olhar muito atento sobre diferentes perspetivas” (p.24).

António Gomes Ferreira, desde Coimbra, coloca-o “entre as pessoas que dão sentido à estabilidade, à consistência do trabalho, ao rigor que não se submete à sinuosidade de conjunturalidades e modismos. Nele encontramos um ousar prudente, a serena inquietude, a metodologia da dúvida, a racionalidade crítica que se admira e se tenta assimilar de modo a cumprir-se o que é possível diante das circunstâncias e das singularidades de cada um” (p. 32). E evidenciando, num registo bastante afetivo, já alguma saudade pela voracidade do tempo refere que “olhando os anos que se foram passando sentimos que beneficiamos da empatia que desabrochou em disponibilidade que se foi manifestando evidente

sempre que solicitámos a atenção do Justino Magalhães. Alguns dirão que as amizades construídas na distância são mais simples e menos sujeitas a dissensões. Mas o mundo académico não se mede por esquinas, quarteirões ou bairros. As relações que envolve fazem-no pequeno, por vezes muito vicinal. Se é certo que a nossa relação não se caracterizava por contatos quotidianos ou até frequentes afirmou-se na vivência de momentos simples, de conversas, de reuniões, de projetos, de eventos em diferentes partes do país e no estrangeiro” (p.33).

António Nóvoa destaca obras emblemáticas do seu percurso científico: “Recordo apenas quatro das suas obras, entre tantas outras: *Alquimias da escrita: Alfabetização, história, desenvolvimento no mundo ocidental do antigo regime, 2001*; *Tecendo nexos: História das instituições educativas, 2004*; *Da cadeira ao banco: Escola e modernização (séculos XVIII-XX), 2010*; *Na Rota da Educação: epistemologia, teoria, história, 2022*. São obras sólidas do ponto de vista histórico, que revelam uma grande capacidade de reflexão e de problematização. Para além dos temas históricos propriamente ditos, trazem-nos um importante debate teórico e epistemológico, decisivo para compreender os caminhos da pedagogia e das ciências da educação.” (p. 37). Partilha a consciência de um salto qualitativo na forma como se concebia a História da Educação, atribuindo-lhe responsabilidade nessa melhoria: “surge nesta altura uma nova “cultura científica”, na História e na Educação, na História da Educação. Justino

Magalhães é um dos investigadores que melhor traduz este novo momento, afirmando-se nas décadas seguintes como o mais importante historiador da educação da sua geração. Nunca mais deixei de o acompanhar, no seu trabalho de ensino, de investigação e de divulgação” (p.36).

Antonio Viñao, companheiro de muitos encontros entre investigadores portugueses e espanhóis, preferiu ressaltar “sus méritos académicos y docentes (...) Sus trabajos sobre la alfabetización, los municipios y la educación rural, la historia de la escuela (manuales, mobiliario) y de la cultura escrita, entre otros temas, han sido obras de referencia, a imitar o seguir. Lo que deseo en este momento destacar, cuando el compañero y amigo se suma al ya amplio grupo de historiadores de la Educación jubilados, es su amabilidad y generosidad, así como el afecto y deferencia que ha mostrado siempre en el trato.” (p. 40).

David Tavares preferiu enaltecer a marca de diferença que Justino deixou “nestes tempos em que proliferam, dentro e fora da academia, a “miséria da hiperespecialização” e os “ignorantes especializados” , utilizando termos felizes empregues por Bernard Lahire e Boaventura de Sousa Santos” (p. 50). Confirma que “não é mesmo nada comum cruzarmo-nos com intelectuais e académicos como Justino Magalhães, profundamente conhecedor de diversas áreas disciplinares, da história às ciências da educação, da filosofia às diferentes ciências sociais e à literatura. Além de conhecedor, incorpora a multidisciplinaridade no seu pensamento e nas

suas reflexões, de modo integrado e total, procurando compreender globalmente a realidade, no sentido que Marcel Mauss atribui ao “fenómeno social total”, ultrapassando as barreiras e as fronteiras sempre empobrecedoras que separam as várias áreas disciplinares. É relativamente fácil emitir discursos neste sentido, mas incorporá-los na prática académica e científica já exige a postura e a capacidade que estão, de facto, ao alcance de poucos” (p. 50).

Gabriela Ossenbach, num registo muito pessoal, reitera o “reconocimiento por tu importantísima labor en el campo de la Historia de la Educación, que ha tenido una gran repercusión no solo en Portugal, sino también en Brasil, en España y en tantos otros lugares” (p. 68) evidenciando as pontes científicas lançadas entre vários países e continentes.

Joaquim Pintassilgo, entre outros registos marcantes, evidencia o diálogo científico que Justino Magalhães desenvolveu e incentivou (sobretudo nos seus doutorandos) com a História (principalmente, a da Cultura), com a Filosofia, com as Ciências da Educação, com a Biblioteconomia, entre outras áreas. Abriu campos originais de pesquisa como o da relação entre os municípios e a educação” (p. 85). Sublinha ainda “o contributo que Justino Magalhães tem dado para a internacionalização da investigação portuguesa e, em particular, para o estreitamento de laços com as comunidades brasileira e espanhola de História da Educação” (Idem). Evidencia ainda, tal como Nóvoa, “o processo de expansão das Ciências da

Educação nas universidades portuguesas e, nesse âmbito, a vitalidade da História da Educação que é atestada pelos muitos congressos, publicações, projetos, teses de doutoramento, etc. que encontramos ao longo desse período. A geração a que Justino Magalhães pertence teve o privilégio de desenvolver a sua atividade académica no período áureo da História da Educação, tanto em Portugal como internacionalmente” (p. 84-85).

Luciana Paredes, num registo mais metafórico, constata que “os professores plantam, regam e cuidam de florestas cujos frutos muitas vezes nunca conhecerão. É inegável que ao chegar à reforma o Professor deixa uma floresta de árvores frondosas, prova disso é a quantidade de pessoas que se disponibilizaram a participar nesta homenagem. Quanto a mim (que sou talvez a última árvore desta floresta) resta-me agradecer a paciência, a disponibilidade e amizade que me tem votado ao longo destes últimos anos como sua orientanda” (p. 100).

Maria João Mogarro afirma que “os professores marcantes são fundamentais nos nossos percursos, como os investigadores que definiram os nossos caminhos na investigação. Justino Magalhães reúne estas duas dimensões, constituindo uma referência pela solidez que confere ao campo da história da educação, pelo alargamento de horizontes que a sua produção científica representa, pelo rigor inabalável que as suas investigações nos transmitem, pela dimensão ética e deontológica que sempre pautou a sua presença e intervenção” (p. 105). Realça, ainda, as

temáticas a que deu consistência ou que rasgou no inicialmente limitado campo historiográfico da educação: “foi, contudo, o seu contributo para a história das instituições educativas, sublinhando a importância do arquivo e da memória, que adquiriu uma importância fulcral e que muito mobilizei para a minha investigação e elaboração da tese de doutoramento. Duas outras dimensões se impõem neste diálogo, ao longo do tempo: a cultura escolar e a sua materialidade, consubstanciada no património educativo, e, na perspetiva da manualística, a importância do livro escolar como memória da educação” (p. 106).

Nalguns dos registos é bem visível as portas entreabertas com as conversas de orientação, plasmadas agora nos testemunhos e na linguagem que os seus *discipulos* usam: “Na sua dupla dimensão, leitura e escrita, o universo escrito possibilita o acesso a séculos de cultura e à participação cidadã. Pela aprendizagem da escrita, acede-se à cultura letrada que é via de acesso e de integração de ferramentas e recursos intelectuais que informam e enformam modos de pensar, de perspetivar o mundo e de ser com os outros, ao construir comunidade, tornamo-nos cidadãos do mundo. O Professor Justino Magalhães defende, precisamente, que aprender a ler e a escrever é um processo de mudança. Para o autor, com o processo de aprender a ler e a escrever: “(...) não apenas muda a forma de o sujeito ler e representar o mundo, como a (re)leitura do mundo gera ações sobre esse próprio mundo. O processo alfabetizador, na medida em que interfere na leitura

do mundo e da realidade envolvente, não é meramente técnico, é conscientizador e crítico”. Esta dimensão de promoção de consciência e crítica ou consciência crítica do processo de aceder ao universo escrito é fundacional no pensamento do Professor Justino Magalhães” (Testemunho de Otilia Sousa na p.124-125).

Roger Chartier preferiu destacar no seu “Moments d’échange et d’amitié”, as aproximações entre a História da Educação e a História Cultural como um dos legados mais importantes do diálogo científico estabelecido e sistematizado em várias obras e projetos. Escreve que “Dans un texte publié en 2011, intitulé «O ensino da história da educação», Justino Magalhães définissait de manière très ample les objets de l’histoire de l’éducation :«Teorias, formas de pensar e racionalizar a educação, práticas, contextos, actores, públicos e representações, são matéria da História da Educação. Constituem duas linhas de renovação fundamentais. 1) a operação historiográfica consignada pela Nova História (interdisciplinaridade e abertura a novos campos de investigação; contemplação de novos públicos; revalorização do sujeito histórico, em face às estruturas e aos vectores geográfico, económico e político; busca de novas fontes de informação; 2) (re)abertura à “história cultural” e a revalorização do(s) discurso(s) histórico(s) e historiográficos, interrogados quanto às condições de produção; ao impacto e às formas de apropriação». Justino Magalhães désignait ainsi avec lucidité, les questions partagées par histoire de l’éducation et

l’histoire culturelle: l’articulation entre les normes et les comportements, l’irréductibilité des pratiques aux discours qui les décrivent, les prescrivent ou les proscrivent, les relations entre représentations et appropriations, ou encore la dialectique entre héritage et oubli, entre conservation patrimoniale et mutations radicales” (p. 139-140).

Numa obra semeada com muitos afetos que foram crescendo na convivência com o autor homenageado, ressalta a pessoa, o intelectual, o professor, mas também o espaço que criou e reconhecimento generalizado do mundo académico e do mundo familiar que soube criar e preservar com dignidade e empenho.

Luís Alberto MARQUES ALVES

Centro de Investigação Transdisciplinar
Cultura, Espaço e Memória (CITCEM-FLUP)